

Debora Pazetto\*

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

## Plano de Fuga: arte | pensamento queer | cuir

**Resumo:** Plano de fuga faz parte de uma pesquisa artístico-teórica na qual investigo a linguagem e os dispositivos acadêmicos – como o plano de ensino, o periódico, o colóquio, a citação – enquanto plataformas performáticas. Pensada enquanto tática drag, a pesquisa desloca os procedimentos da montagem drag para as estruturas acadêmicas, compreendendo que certas formatações do conhecimento têm uma performatividade reguladora análoga às normas de gênero. Assim como a tática drag consiste em citar parodicamente as normas de gênero para debochar de seu caráter normativo, este texto cita parodicamente as normas do plano de ensino para fugir delas. Assim, *Plano de fuga* é um drag plano de ensino. De fato, é um plano de ensino real, que entrego no primeiro dia de aula na disciplina *Arte | pensamento queer | cuir*, que ministro no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC. Mas é também um texto teórico-poético-visual no qual utilizo o modelo do plano de ensino como se fosse uma peruca, um figurino ou um bigode falso, para fazer uma crítica queer dos discursos programadores e dos imaginários normativos embutidos em palavras como Ementa, Objetivos, Metodologia, Conteúdo Programático, Avaliação.

**Palavras-chave:** performatividade, estudos queer, plano de ensino, metodologia

**Abstract:** Plano de Fuga (Escape Plan) is part of an artistic-theoretical research project that investigates academic language and academic devices—such as journals, colloquia, syllabi, and citations—as performative platforms. Conceived as a drag tactic, the research transposes the parodic procedures of drag performance onto the academic framework, understanding that certain ways of formatting knowledge have a regulatory performativity analogous to gender norms. Just as the drag tactic consists of parodically citing gender norms to mock their normative character, this text parodically cites the norms of a teaching plan to escape them. Therefore, *Escape Plan* is a drag syllabus. Indeed, it is an actual syllabus, presented on the first day of the seminar class *Queer | cuir art | studies*, taught by the author in the Graduate Program in Visual Arts at UDESC. At the same time, it is a theoretical-poetic-visual text that uses the model of the syllabus as if it were a wig, a garment, or a fake mustache, to conduct a queer critique of the programming discourses and normative imaginaries embedded in words like Objectives, Methodology, Program Content, Evaluation.

**Keywords:** performativity, queer studies, syllabus, methodology

disciplina: arte | pensamento queer | cuir

terças, de 13h30 a 17h – 2025/1

prof. Debora Pazetto

## 1. EMENTA

*lacunas lacunas lacunas  
contratempus  
contrassentidos  
o que não se escreveu violência  
fora do texto  
(Monique Wittig)*

## 2. OBJETIVOS

objetividade é o termo regulatório que garante  
fiabilidade autoridade domínio controle propósito intenção universalidade ao  
conhecimento  
acadêmico

objetividade é o nervo da linguagem performativa da academia

aqui, portanto, apenas teremos:

### 2. 1. SUBJETIVOS

*uma pessoa sempre escreve e lê do  
lugar em que seus pés estão plantados  
(Glória Anzaldúa)*

pois não dá pra se despir  
da vida do corpo do tempo do ambiente das experiências dos caminhos percorridos  
e

pendurar tudo no cabide  
enquanto se produz

conhecimento  
acadêmico  
(quem é queer sempre sabe disso)

(e isso não é o mesmo que pós-verdade  
há fatos  
mas mesmo quem escreve  
sobre fatos  
é um corpo um lugar uma posição um ângulo  
escrevendo sobre fatos)

### 2.1.1.1. SUBJETIVOS ESPECÍFICOS

- aprender a suportar a intimidade da nossa investigação
- aprender a usar o resultado da investigação para dar poder à nossa vida
- aprender os medos que dominam nossa existência
- aprender os medos que moldam nossos silêncios
- aprender a deixar o medo perder seu controle sobre nós

(cinco itens subjetivamente organizados a partir de Audre Lorde)

## 3. METODOLOGIA

como estabelecer o

m é t o d o

que devemos percorrer durante o semestre (na verdade, um tempo incontável de vida-trabalho-desejo) nesta disciplina (*substantivo feminino*: 1. obediência às regras, aos superiores, a regulamentos; 2. ato de controlar alguém ou a si próprio) ? o que essas palavras de ordem têm a dizer sobre políticas de existência queer | cuir?

como queerizar | esquisitar o método acadêmico?

1. demolir regras | receitas | manuais | regulamentos sobre como deve ser nossa relação de elaborar arte | pensamento durante um tempo incontável de vida-trabalho-desejo;
2. construir um parque | praia | roda | quadra para jogarmos suspeitas (em tudo que é normativo no corpo-pensamento);
3. instalar janelas na construção (nunca é desconstrução, é sempre construção) de subjetividades que constroem mundos;

4. retirar do armário a maior quantidade possível de contrassentidos | contratempos |  
contratextos | lacunas lacuna lacunas;

0,5. encontrar um terreno (acho que (embora na academia não se escreva “acho que” e sim  
“parte-se do pressuposto de que”) esse item devia ter vindo antes de demolir). encontrar um  
terreno no desejo (embora na academia não se escreva sobre desejo, apenas sobre análise  
do desejo).

o desejo:

o fogo dissidente no avesso da pele  
é o mesmo fogo que faz  
falar pensar ler escrever investigar imaginar criar imagem  
de | sobre | com  
algo | quem | como  
c o n t r a  
?

como atizar o fogo que cativa o corpo para o contratexto  
?

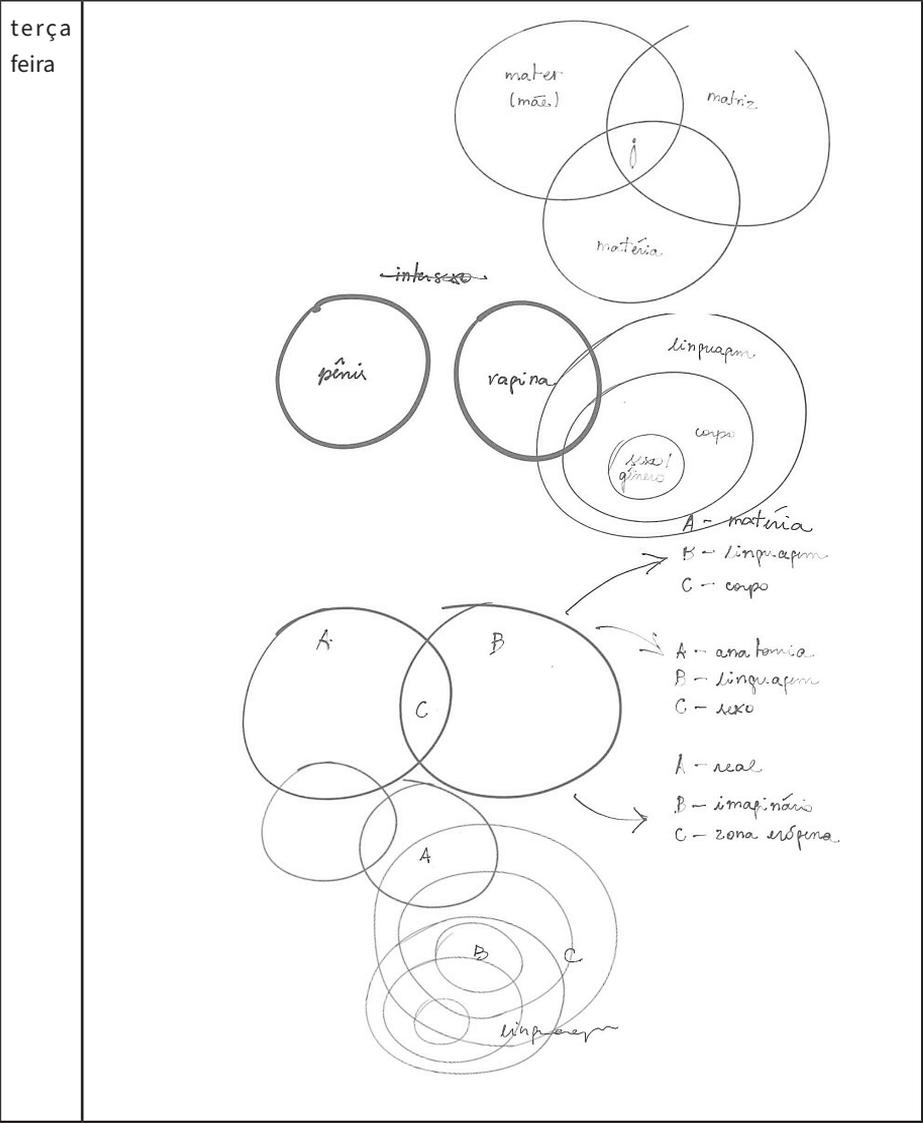
(essa que devia ser a questão do método  
(meta: ir além + hodos: caminho))  
qual caminho devemos percorrer para ir além?

aqui  
eu começo uma rota |  
plano de fuga |  
conteúdo desprogramático |  
mapa de textos-trilha

( mas o cuir é e sempre foi sobre  
desvio (

## 4. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

terça feira	<p>se as mulheres são o sujeito do feminismo e se os sistemas jurídicos de poder produzem os sujeitos que depois passam a representar e se produzem sujeitos com traços de gênero desde sempre determinados em conformidade com um eixo diferencial de dominação, então é possível que o sujeito do feminismo seja produzido e reprimido pelas mesmas estruturas de poder por meio das quais busca a emancipação e, pior ainda, é possível que a construção da categoria mulheres como sujeito coerente e estável do feminismo seja uma regulação e reificação inconsciente das relações de gênero?</p> <p style="text-align: center;">afinal</p> <p style="text-align: center;">não se nasce mulher   não se nasce homem   não se nasce hétero</p> <p style="text-align: right;">torna-se</p> <p>pela ação de tais sistemas jurídicos que são parte de um feixe difuso de poderes patriarcais que transformam corpos vivos em homens e mulheres cisht, de modo que sabemos (mais ou menos) a genealogia de como a norma produz os corpos normais mas e os nossos?</p> <p>qual força subsiste nas margens, nas frestas, nos rasgos da norma qual força torna um corpo vivo um corpo fora da norma ou não torna</p> <p style="text-align: center;">afinal</p> <p style="text-align: center;">não se nasce monstra, tampouco uma se torna</p> <p>tanto a mulher quanto o sujeito são produções arriscadas, então a monstra que nos atravessa é uma manada   um estilhaço   a abertura de um corpo a uma intensidade que só pode decorrer do fato afiado de um corte   um sangramento   um colapso do que quer que seja</p> <p style="text-align: right;">sujeito</p>
----------------	--



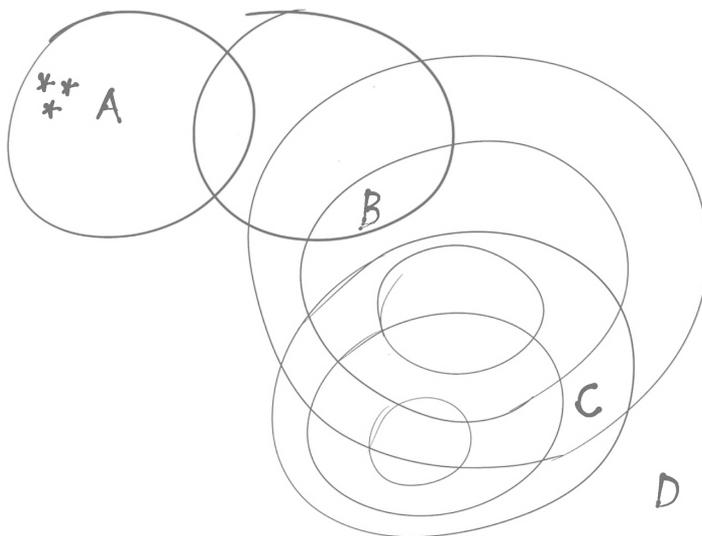
t e r ç a feira	<p>a performatividade de gênero é uma estilização do corpo e da linguagem prescrita pelo sistema sexo-gênero cisht colonial, uma estilização jurídica, documental, pedagógica, espacial, discursiva e totalmente estética, pois o gênero é marcado e identificado por meio de roupas, gestos, entonações, posições, até mesmo aromas e é preciso que artistas pensem seriamente sobre isso: problemas de gênero são problemas de</p> <p>cores formas tamanhos sons gestos palavras coreografias</p> <p>essa sobreposição de matéria prima entre arte e gênero pode provocar belas turbulências, performances artísticas podem desestabilizar a performatividade de gênero, como fazem as drags, porque é preciso principalmente rir do gênero</p> <p>ao imitar o gênero drags revelam implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero, assim como sua contingência, eis a beleza da paródia corrosiva, tornar-se drag é ver através da matriz de gênero, observando que homens e mulheres são ficções performativas e somáticas convencidas de sua realidade natural</p> <p>o deboche o deboche sempre foi nossa arma</p>
--------------------	--

<p>terça feira</p>	<p>sejam desagradáveis, formem ocupas, entrem em grupos de 10 nas lojas e encham as bolsas, usem o potencial do armário para fugir da polícia, escrevam nos muros, invadam casas, incendeiem automóveis, apedrejem agências bancárias</p> <p style="text-align: center;">pois</p> <p>o que é um crime quando tudo o que se entende sob o guarda-chuva da legalidade não cessa de reinscrever a presença da morte como expectativa de vida de comunidades inteiras</p> <p style="text-align: center;">?</p> <p>o que é um crime quando há uma guerra declarada <span style="float: right;">contra nós</span></p> <p>bichas, sapatonas, mulheres trans, travestis, transmascos, bis, enebês, mulheres cis</p> <p>o macho que bate em nós é o mesmo</p> <p>o macho que bate em nós é o mesmo</p> <p>redistribuir a violência é ler as coreografias da violência, desenvolver táticas de fuga, fazer barricadas semiossômáticas, formar bandos, usar o poder da ficção contra a ficção do poder macho, afiar a imaginação e as lâminas, fazer</p> <p style="text-align: right;">uma cronologia da insurreição</p> <p style="text-align: right;">genderfuck</p> <p style="text-align: center;">((genderfuck é mais interessante do que termos identitários passivos)</p> <p style="text-align: center;">pois quem arromba o gênero é capaz de arrombar tudo)</p> <p style="text-align: center;">ou:</p> <p style="text-align: center;">sou passiva, mas meto bala</p>
<p>t e r ç a feira</p>	<p>sentir coletivamente que as noções de homossexualidade e transgeneridade não têm significado fora da epistemologia binária que resume-reduz uma multidão de corpos e que é um eixo do mesmo regime que nos violenta, mas ao mesmo tempo é a prova de sua falha, pois mesmo com tantas técnicas para concretar um corpo-psique feminino ou masculino, existimos como rachadura na ideologia que</p> <p style="text-align: right;">bifurcou</p> <p style="text-align: right;">o desejo e a língua</p> <p style="text-align: right;">ele   ela</p>



terça feira	<p>se na américa periférica do sul o nome dos produtos em inglês aumenta o status simbólico da mercadoria, será que o queer se transformou em um mercado de desejos? será que o queer se transformou em mil produtos para nos transformar em seres ambíguos de difícil leitura sexual, mil livros que traduzem essa mensagem esperançosa vendidos na amazon, mil bares e festas multissexuais, mil lojas de artefatos contrassexuais para nossa estimulação cibercarnal, mil perfis para nos sentirmos santificades pelo tema? qual será o futuro dessa palavra ou teoria ou prática ou arte ou tática que corre o risco de ser tragada e comprada a um bom preço pelo sistema capitalista? poderemos sonhar que o queer seguirá seu legado de resistência antiassimilacionista? poderemos sonhar com a impossibilidade de submeter o desejo à industrialização do corpo sexualizado, por mais que o fordismo heterossexual tente reduzir todo corpo vivo à sua força reprodutiva? será que há algo no desejo que não pode ser contido, domesticado, colonizado, distorcido, modelado, submetido? mas o que é o desejo além de um termo mítico da psicanálise? como surge, o que é, qual é, como é, quem é, onde está, como ver o meu desejo? o seu desejo? o nosso desejo?</p>
terça feira	<p>o presente é estranho, o passado é contestado, o futuro é incerto, a ordem oscila, o eixo da terra inclina-se, os polos deslocam-se, as marés sobem, os bosques ardem, as bombas não param de cair, a norma da existência social é a guerra, há um inventário crescente de síndromes e transtornos, mas há algo em nós que não é uma doença individual e sim o efeito de uma defasagem, de uma brecha, de uma falha entre dois regimes epistemológicos, o regime petrossexoracial herdado da modernidade ocidental e o novo regime ainda balbuciante que se forja através de atos de crítica e desobediência política, sendo o efeito dessa defasagem um transtorno coletivo de dysphoria mundi, porque é o planeta que está em transição e nós somos os corpos através dos quais a mutação chega como restauro ou mergulho da ou na condição somatopolítica geral de dor produzida pela gestão necropolítica da subjetividade, mas é nessa brecha que os corpos vivos do planeta, incluindo o próprio planeta como corpo vivo, podem encontrar forças para extrair-se da genealogia capitalista patriarcal e colonial através de práticas de inadequação, dissidência, desidentificação coletiva, ou seja, dysphoria mundi, ou seja, a pergunta já não é quem somos, mas em que nos transformaremos</p>

## 5. AVALIAÇÃO



## 6. REFERÊNCIAS

Anzaldúa, Gloria (2021), *A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios*, tradução de Tatiana Nascimento, Rio de Janeiro, A Bolha Editora.

Lorde, Audre (2021), *Irmã outsider*, tradução de Stephanie Borges, Belo Horizonte, Editora Autêntica.

Wittig, Monique (2019), *As guerrilheiras*, tradução de Jamille Pinheiro Dias, São Paulo, Ubu Editora.

### conteúdo programático:

colagens textuais compostas pelos problemas e referências utilizadas nas aulas da disciplina arte | pensamento queer | cuir. as colagens textuais do conteúdo programático aglomeram e intercalam frases-cortes-palavras minhas junto às de:

### terça-feira 1:

Butler, Judith (2019), *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, tradução de Renato Aguiar, Rio de Janeiro, Civilização brasileira.

Mombaça, Jota (2017). “Não se nasce monstra, tampouco uma se torna”, in *Cidade Queer, uma leitora*, São Paulo, Edições Aurora.

**terça-feira 2:**

Butler, Judith (2023), *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*, tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli, São Paulo, N-1 Edições e Crocodilo edições.

Preciado, Paul (2024), *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*, tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro, São Paulo, N-1 Edições.

**terça-feira 3:**

Butler, Judith (2019), *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, tradução de Renato Aguiar, Rio de Janeiro, Civilização brasileira.

Preciado, Paul (2018), *Testo Junkie – sexo, drogas e biopolítica da era farmacopornográfica*, tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro, São Paulo, N-1 Edições.

**terça-feira 4:**

Mombaça, Jota (2021), *Não vão nos matar agora*, Rio de Janeiro, Cobogó.

Mutiny, Gender (2020), “Não há fúria no inferno: uma cronologia da insurreição genderfuck”, in *Bash Back! Ultraviolência queer: antologia de ensaios*, tradução de Pontes Outras, São Paulo, N-1 e Crocodilo edições.

ANÔNIMO, Noroeste Pacífico (2020), “eu-não-revido-no-soco-eu-atiro-primeiro” in *Bash Back! Ultraviolência queer: antologia de ensaios*, tradução de Pontes Outras, São Paulo, N-1 e Crocodilo edições.

**terça-feira 5:**

Org, ciber\_ e Pazetto, Debora (2023), “Língua bifurcada”, in *Amor público*, São Luís, #Joyces.

**terça-feira 6:**

Anzaldúa, Gloria (2021), *A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios*, tradução de Tatiana Nascimento, Rio de Janeiro, A Bolha Editora.

Lemebel, Pedro (2023), *Poco hombre: escritos de uma bixa terceiro-mundista*, tradução de Mariana Sanchez, Rio de Janeiro, Zahar.

**terça-feira 7:**

De Perra, Hija (2015), “Interpretações imundas de como a teoria queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma”, *Revista Periódicus*, n 1 (2), 291-298.

**terça-feira 8:**

Preciado, Paul (2023), *Dysphoria mundi - o som do mundo desmoronando*, tradução de Eliana Aguiar, Rio de Janeiro, Zahar.

## NOTA

\* Debora Pazetto é artista e docente do Departamento de Artes Visuais e do PPGAV - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC. Tem graduação em Filosofia (UFSC) e em Artes Visuais (UDESC), com mestrado e doutorado (UFMG/ Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne) em Filosofia da Arte. Coordenou o NUDHA – Núcleo de Diversidades, Direitos Humanos e Ações Afirmativas do Ceart/UDESC, foi membro diretivo da ABRE - Associação Brasileira de Estética e integra o grupo de pesquisa Proposições Artísticas Contemporâneas e seus Processos Experimentais (CNPq). Publicou diversos artigos científicos, capítulos, traduções e textos independentes sobre estética, filosofia da arte, pensamento lésbico / sapatão e arte queer / cuir. Foi conferencista nos principais congressos nacionais da área e ministrou oficinas e cursos formativos, com destaque para o curso Arte | Pensamento Queer | Cuir no MASP Escola. Mais informações em: <https://www.deborapazetto.com>